



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

Este número 2, do volume 9, 2023, de *ECO-REBEL* contém textos apresentados no V Encontro Brasileiro de Ecolinguística (V EBE), realizado de 20 a 22 de outubro de 2022. <https://conferenciaweb.rnp.br/conference/rooms/eventos-academicos-cientificos/invite>

<https://encontroecolinguis.wixsite.com/vebe>

Os textos das três palestras plenárias (de Teresa Moure, Adelaide Chichorro e Lorena Borges) já foram publicados em *ECO-REBEL* v. 9, n. 1, 2023. Quanto à comunicação “Por uma gramática ecossistêmica do português”, apresentada por Hildo Honório do Couto, será publicada em *ECO-REBEL* v. 9, n. 3, 2023, como suplemento. Com efeito, ele foi enormemente ampliado em discussões que o autor manteve com Elza Kioko N. N. do Couto, chegando a mais de 50 páginas, motivo pelo qual não caberia no presente número. Por isso, sairá em um número especial da revista. O presente número contém 12 artigos.

O primeiro artigo é “A interação ficcional pela perspectiva da análise do discurso ecossistêmica: um estudo de fábulas”, de Mayara Macedo Assis, Zilda Dourado Pinheiro & Elza Kioko N. N. do Couto. Como já enunciado no título, o ensaio trata das interações ficcionais na perspectiva ADE, mais especificamente narrativas, utilizando o conceito de mimesis, em uma fábula de Esopo e duas versões criadas por Monteiro Lobato.

O segundo é “A ecologia do contato de línguas e a relexificação no crioulo afroportuguês da Casamança”, de Djiby Mane. O autor pratica o que faziam os pioneiros da ecolinguística (Voegelin & Voegelin, Haugen), que é o inevitável contato entre línguas que convivem em determinado estado. No caso, a variedade senegalesa do crioulo guineense que, devido à pressão das línguas dominantes da região, se vê em um processo de relexificação.

O terceiro artigo é “Não me chame de sacizeiro: o sentido das palavras nos crimes de linguagem à luz da análise do discurso ecossistêmica”, de Tadeu Luciano Siqueira Andrade. O autor vem propondo uma ecolinguística jurídica, que se preocuparia primordialmente com o que chama vulnerabilidade linguística de pessoas simples diante de termos técnicos especiosos, que elas não entendem, usados em julgamentos. No caso presente, trata-se de uma mulher que foi exposta ao ridículo em público.

O quarto texto, é “A geomorfologia e a hidronímia ecolinguística em Moçambique: a língua e o meio ambiente em debate”, de Alexandre António Timbane. Nas palavras do autor, o trabalho estuda os nomes dos “elementos da geomorfologia e sua relação com a

cultura e línguas locais”, que mostra que há uma íntima relação desses nomes com o povos da região e respectivas línguas, refletindo sua identidade. O autor conclui asseverando que esse telurismo é fundamental para equilíbrio ambiental.

O quinto ensaio, “Vivências e desafios relatados por *yoububers* e imigrantes venezuelanos/as no Brasil: Um estudo à luz da análise do discurso ecossistêmica”, de Erick Samuel Silva Thomas & Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto, discute as dificuldades que imigrantes venezuelanos enfrentem ao imigrarem no Brasil, dificuldades devidas a diferenças culturais, linguísticas e a preconceitos. Isso é um prato cheio para a ADE que se importa sobretudo com a questão do sofrimento evitável.

Em sexto lugar, temos o texto “Mariana e Brumadinho: Vozes de vítimas e justiça no desastre ambiental de Minas Gerais” de Shirley Maria Batista, brasileira que atua na Università degli Studi di Udine, Itália. O objetivo da autora é assumir a perspectiva das vítimas e sua construção discursiva da justiça. Ela articula conhecimentos de ecolinguística, ecocrítica e os chamados Partnership Studies.

O sétimo ensaio é “O ensino-aprendizagem de língua portuguesa na educação do campo em Manaus sob a perspectiva da ecolinguística”, de Greicy de Jesus Coelho, Marta de Faria e Cunha Monteiro. A principal constatação da autoras é a de que a realidade concreta do campo não é atendida satisfatoriamente, devido sobretudo à “falta de formação adequada dos professores, de estratégias e projetos que respeitem as particularidades locais, além do material didático que só contempla a educação urbana, e não reconhece a realidade rural”.

O oitavo texto é “A toponímia ‘híbrida’ de Goiás: tupi e português na formação dos locativos goianos”, de Ana Maria Pereira Santos em coautoria com Kênia Mara de Freitas Siqueira. As autoras investigam topônimos goianos que combinam elementos tupis (mais especificamente língua geral) com elementos portugueses, o que reflete os contextos em que emergiram.

O texto seguinte, “A cor como elemento ecológico para motivação de topônimos”, é de Leênny Texeira de Araújo, outra colaboradora de Kênia Siqueira, que o assina com ela. O artigo examina a existência de cromotopônimos como *Rio Vermelho*, *Ouro Verde de Goiás* e *Serra Dourada*, muito comuns no estado de Goiás.

O décimo artigo, “Usos de preposições por falantes de italiano como língua materna na aprendizagem do português brasileiro como língua adicional: Uma visão linguístico-ecossistêmica” de Stephanie de Carvalho Guerra & Elza Kioko N. N. do Couto, trata de algo não muito comum no meio ecolinguístico, a questão das preposições. Partindo da ecologia das relações espaciais em que se insere o uso prototípico das preposições, as autoras mostram que grande parte do uso dessas palavras representa algum deslocamento desse uso prototípico, mesmo na sincronia de uma língua, o que causa dificuldade até para os falantes nativos. Quando se trata da aprendizagem de uma língua estrangeira, a questão se torna ainda mais difícil, como é o caso de italianos aprendendo o português. Alguém já disse que só se domina bem uma língua quando se domina o uso de suas preposições.

Como o sétimo texto, o décimo primeiro, de Adão Fernandes da Cunha, Gilberto Paulino de Araújo & Rosineide Magalhães de Sousa, intitulado, “O calendário sociocultural do sítio histórico e patrimônio cultural kalunga: Um diálogo entre os saberes tradicionais e a linguística ecossistêmica”, também trata da questão da educação do campo. Os autores discutem a proposta de um Calendário Sociocultural como apoio e fortalecimento de políticas públicas educacionais direcionadas às unidades escolares pertencentes ao Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, de uma perspectiva ecolinguística. Embora não o citem, eles vão na linha das propostas educacionais de Paulo Freire.

ECO-REBEL

O décimo segundo ensaio é “O discurso euclidiano acerca da guerra de Canudos: Uma interpretação ecolinguística de fontes históricas”, de Maria Rosileide Bezerra de Carvalho & Luiz Paulo Almeida Neiva. O artigo discute o processo de formação do discurso euclidiano sobre a guerra de Canudos, “a influência das relações de poder em sua construção e a repercussão sobre o discurso oficial”.

Por fim, temos o obituário de Jacob Louis Mey, feito por Izabel Magalhães. Mey é mais conhecido como pragmaticista, área em que publicou diversos artigos, livros e dirigiu algumas revistas. Mas, ele foi um grande simpatizante da ecolinguística, tendo inclusive colaborado com o grupo de Alwin Fill, de Graz, Áustria. Em *ECO-REBEL* v. 2, n. 2, 2016, encontra-se seu artigo “Sequencialidade: por uma ecologia do texto”. Ele tinha simpatia pela língua e cultura brasileiras, tendo visitado a Universidade de Brasília várias vezes, a convite de Izabel Magalhães.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 9, n. 2, 2023.